



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - CCS  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**O DISPOSITIVO GRUPAL COM ADOLESCENTES NO CUIDADO EM SAÚDE  
MENTAL: REVISÃO DE ESCOPO**

TARCISIO BRANDÃO CORTELETTI

VITÓRIA – ES

2023

TARCISIO BRANDÃO CORTELETTI

**O DISPOSITIVO GRUPAL COM ADOLESCENTES NO CUIDADO EM SAÚDE  
MENTAL: REVISÃO DE ESCOPO**

Trabalho de conclusão de curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo para a obtenção obrigatório para obtenção do grau de Bacharel Pleno em Terapia Ocupacional

Orientadora: Prof. Dra. Teresinha Cid Constantinidis

VITÓRIA – ES

2023

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar as contribuições da literatura científica nacional sobre o cuidado em saúde mental de adolescentes por meio dos dispositivos grupais. Foi realizada revisão de escopo, norteadada pelo guia de revisão de escopo Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) Checklist. A inclusão dos estudos foi delimitada pelo recorte temporal de cinco anos, entre os anos de 2018 a 2023, e publicações no idioma português. O levantamento das publicações foi realizado nas bases de dados: Scielo, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Redalyc, culminando na análise de 7 estudos após as etapas de busca. A análise do conteúdo originou núcleos de sentido acerca dos dispositivos grupais no cuidado em saúde mental de adolescentes em três categorias para o desenvolvimento da discussão: 1. Os objetivos dos dispositivos grupais no cuidado em saúde mental de adolescentes; 2. A fundamentação teórico-metodológica dos grupos no cuidado em saúde mental de adolescentes; 3. As contribuições dos grupos para o cuidado em saúde mental. Os estudos apontam os dispositivos grupais como potencializadores do cuidado em saúde mental com adolescentes, representando para essa população um espaço de acolhimento, fala, escuta e cuidado para oportunizar o enfrentamento e a elaboração de conflitos vividas nessa fase do curso da vida.

**Palavras-chave:** Grupos; Saúde Mental; Adolescentes.

## ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the contributions of the national scientific literature on the mental health care of adolescents through group devices. A scoping review was conducted, guided by the Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) Checklist. The inclusion of studies was delimited by a five-year time frame, between 2018 and 2023, and publications in the Portuguese language. The survey of publications was carried out in the following databases: Scielo, Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and Redalyc, culminating in the analysis of 7 studies after the search stages. The analysis of the content originated nuclei of meaning about the group devices in the mental health care of adolescents in three categories for the development of the discussion: 1. The objectives of the group devices in the mental health care of adolescents; 2. The theoretical-methodological foundation of the groups in adolescent mental health care; 3. The contributions of groups to mental health care. The studies point to group devices as enhancers of mental health care for adolescents, representing for this population a space for reception, speech, listening and care to provide opportunities for coping and elaboration of conflicts experienced in this phase of the life course.

**Keywords:** Groups; Mental health; Adolescent.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma de busca.....	14
-------------------------------------	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação dos estudos incluídos.....	14
Quadro 2 - Apresentação da Categorização dos estudos selecionados .....	17

## Sumário

1. Introdução.....	8
2. Objetivo .....	12
2.1 Objetivo geral: .....	12
2.2 Objetivos específicos:.....	12
3. Método .....	13
4. Resultados .....	17
4.1 Os objetivos dos dispositivos grupais no cuidado em saúde mental de adolescentes .....	19
4.2 A fundamentação teórico-metodológica dos grupos no cuidado em saúde mental de adolescentes .....	21
4.3 As contribuições dos grupos para o cuidado em saúde mental. ....	23
5. Considerações finais .....	25
Referências .....	26

## 1. INTRODUÇÃO

A adolescência, mais do que a passagem da infância para a vida adulta, é caracterizada por transformações constantes em diferentes âmbitos do indivíduo, (Moraes; Weinmenn, 2020). O conceito de adolescência é uma construção cultural, social, sociohistórica e relacional nas sociedades contemporâneas.

Este ciclo de vida compreende a faixa etária de doze aos dezoito anos de idade (ECA, 1990), com um processo de desenvolvimento que não segue um padrão universal, já que difere entre cada pessoa em seu respectivo contexto e território. Neste sentido, León (2005) aponta a necessidade de acrescentar um “s” ao termo adolescência, pois falamos de adolescências e adolescentes, considerando as heterogeneidades presentes nessa fase do curso de vida e as características particulares que cada indivíduo possui.

Se por um lado a diversidade é indispensável para discutir as adolescências, em contrapartida há um ponto em comum entre grande parte dos adolescentes: o atravessamento de um período árduo, instável e complexo. As transformações na adolescência não se limitam apenas aos aspectos físicos, mas também algumas alterações comportamentais importantes podem ser notadas e sentidas pelas pessoas do ambiente de convívio do adolescente. A forma como o indivíduo vê a si mesmo e aos outros em seu entorno também passa por mudanças, percebidas principalmente em suas atitudes e em seus relacionamentos sociais (Radzik M et al. 2008).

Nesse processo é comum acontecer a contestação de padrões, sejam eles comportamentais ou estéticos, uma busca incessante atrás da sua identidade e de novos modelos para servir de referência aos seus próprios ideais de corpo e personalidade. Somado a isso, estão outros importantes fatores, como a sensação de se sentir pertencente a um grupo, a descoberta da sexualidade, a relação com os seus familiares e a forma com que o adolescente se relaciona com o contexto e território em que está inserido (León, 2005).

Para o adolescente tudo é sentido e vivido intensamente, e o que acontece nessa fase da vida, e como podem elaborar os acontecimentos deste período, pode resultar em marcas para o resto de sua vida (Santos, et al. 2011). A adolescência, portanto, é um período de vida privilegiado para o desencadeamento de transtornos



psíquicos, emocionais e relacionais e palco para conflitos internos, com a família e com os amigos (Costa, 2006).

Por ser um período rico em oscilações e instabilidades, a adolescência dificulta a diferenciação dos sinais prodromáticos de transtornos mentais. Dentre estes sinais, que também são comportamentos que podem surgir na puberdade, estão um conjunto de sintomas inespecíficos que podem incluir dificuldades de atenção e concentração, ansiedade, insônia, isolamento social e irritabilidade (Neto, 2000). Entre as manifestações clássicas de transtorno mais grave, como a psicose estão a perda de vontade, disfunção social, ideias delirantes, empobrecimento afetivo, alucinações, perda da lógica, desorganização do discurso e desorganização do comportamento (Costa, 2006).

Dentre os sofrimentos psíquicos na adolescência se destacam a depressão, a ansiedade, os transtornos alimentares, o transtorno afetivo bipolar, a esquizofrenia e os transtornos de conduta (Lopes et al, 2016). Luz et al. (2018) abordam as principais causas de incapacidade em adolescentes em todas as regiões do Brasil e apontam que estão entre elas: a depressão, a esquizofrenia, o uso abusivo de drogas e o transtorno bipolar. Os autores alertam que, caso os devidos tratamentos e atenção não sejam disponibilizados e acessados, esses fatores podem impactar negativamente no desenvolvimento dos adolescentes, em suas realizações educacionais e em seu potencial para viver uma vida plena e produtiva.

É importante destacar que o cuidado em saúde mental é atravessado por diversas particularidades que variam com o indivíduo, que possui em si um universo próprio, complexo e minucioso, assim como o território e contexto em que está inserido. Outras variáveis estão ligadas ao cuidado ao adolescente e as características da instituição, equipe etc.

Diante disso, cabe enunciar que as políticas públicas voltadas para a atenção e o cuidado em saúde mental para os adolescentes são frutos recentes de um longo caminho trilhado pela história do cenário da saúde mental brasileira. O respaldo por lei dos direitos básicos de crianças e adolescentes na Constituição de 1988 e a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1989 representam o primeiro passo para garantir a atenção e o cuidado de adolescentes no Brasil (Moreira; Salles, 2015). A implementação das políticas públicas de saúde mental no

Sistema Único de Saúde (SUS) em 2002, por meio da Portaria 336/2002, que culmina na implantação de Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis – CAPSij e dá continuidade a esse processo (Brasil, 2002).

Neste percurso, em 2011, deu-se a criação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), sancionada com a Portaria 3088 (Brasil, 2011), com o objetivo de garantir que mais pessoas em sofrimento ou transtornos mentais conseguissem acessar os pontos de atendimentos e serviços ofertados, entre elas os adolescentes (Constantinidis; Dias; Fernandes; Taño, 2021).

Rossi (2019) ressalta em seu estudo a eficiência da RAPS como política de atenção, sendo ela capaz de acolher, referenciar e cuidar, utilizando pontos e estratégias colocadas no território para potencializar a assistência ao indivíduo. O dispositivo grupal é um dos recursos que a Política Nacional de Saúde Mental preconiza como tática para que os serviços ofertados na rede cumpram com a sua função social de promover integração e participação social.

A preconização dos grupos pelas políticas de saúde mental é coerente com a proposta da organização das práticas de saúde e relações terapêuticas na produção do cuidado. Neste sentido, é proposta a valorização e priorização das tecnologias leves na assistência à saúde para possibilitar a manifestação da subjetividade do outro, utilizando para isso os dispositivos de acolhimento, vínculo, autonomia e responsabilização enquanto aliados para operar a atenção em saúde mental seguindo os pressupostos da reforma psiquiátrica e da atenção psicossocial (Ayres, 2004).

Partindo da concepção colocada por Pichon-Rivière (2009), os grupos são espaços que possibilitam as trocas sociais e se configuram enquanto um local de reprodução do modelo social que perpetuam nas instituições nas quais os indivíduos estão inseridos, como a família, universidade, igreja, associações de bairro, entre outras. Durante o processo grupal, as relações dos sujeitos vão se estabelecendo entre si com o propósito de promover a aprendizagem e gerar a transformação social, sendo a motivação uma problemática em comum (Scarcelli, 2017).

Segundo Jorge (2017), os grupos podem ser percebidos como locais de encontro que oportunizam as trocas de experiências, com a finalidade de fazer com que as pessoas encontrem significado e sentido em suas vidas. Além disso, podem

promover mudanças, o enfrentamento de situações problemas e podem favorecer transformações das realidades dos integrantes do grupo.

Assim, o dispositivo grupal representa uma importante ferramenta para abranger essa pluralidade de pessoas e envolvê-las no cuidado de si mesmas e dos outros. De acordo com León (2005, p. 14) “os conteúdos que originam a identidade geracional implicam modos de vida, particularmente práticas sociais juvenis e comportamentos coletivos.” Posto isso, o grupo permite que os vários integrantes possam expressar suas emoções e ideias sobre um tema em comum, abarcando todas as características desses indivíduos, o que vai ao encontro com o que estão vivendo nessa fase da vida.

Segundo Moretto (2013), os adolescentes encontram no grupo um lugar para interagir com os seus pares e compartilhar as suas frustrações, angústias e sentimentos. Alguns destes sentimento são comuns desse período do curso de vida. Para a autora, a abordagem grupal proporciona as condições para desenvolver a promoção de saúde mental e a prevenção de transtornos por ofertar um contexto em que os participantes são atravessados por fenômenos específicos de grupo que auxiliam nesse processo.

## **2. OBJETIVO**

### **2.1 Objetivo geral:**

Analisar as contribuições da literatura científica nacional sobre o cuidado em saúde mental de adolescentes por meio dos dispositivos grupais.

### **2.2 Objetivos específicos:**

- Apresentar a produção científica, selecionada segundo os critérios metodológicos adotados neste estudo, sobre o cuidado em saúde mental de adolescentes por meio dos dispositivos grupais.
- Analisar e descrever as intervenções grupais de atenção e cuidado à saúde mental de adolescentes.

### 3. MÉTODO

Para responder ao objetivo deste estudo, a revisão de escopo mostrou-se ser o método mais adequado. Por sua vez a revisão de escopo, com o seu formato e estruturação particular, possibilita sintetizar evidências de pesquisas e mapear o material existente na literatura de determinada área ou campo de conhecimento de acordo com a sua natureza, recursos e volume (Constantinidis; Matsukura, 2021) e é um excelente recurso para analisar temas e tópicos que não foram amplamente estudados e não possuem uma vasta quantidade de publicações (Peters et al., 2015).

O protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) serviu como norteador para esse trabalho ser realizado. Posto isso, a pergunta norteadora que direcionou as etapas do desenvolvimento do trabalho elaborada tendo como elementos-chave a população ou participantes, conceitos e contexto. Sendo esta: *Como a literatura científica aborda a prática de grupos no cuidado em saúde mental de adolescentes no Brasil?* Desta forma, a população alvo são os adolescentes, o conceito é a prática de grupos no cuidado em saúde mental e o contexto é referente ao Brasil.

A seleção do material foi realizada por dois pesquisadores de forma independente e cega. As seguintes bases de dados eletrônicas foram utilizadas para realizar a busca pelos materiais a serem analisados: Scielo, Redalyc e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

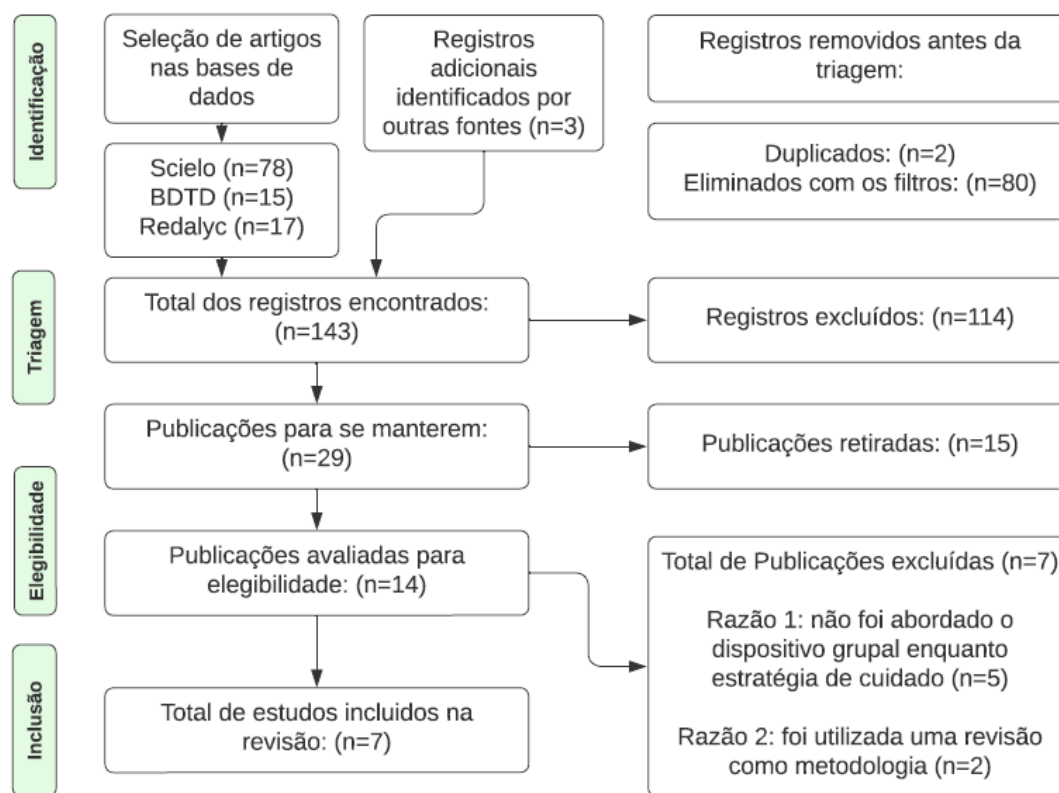
Para serem incluídos na pesquisa, os estudos deveriam corresponder aos seguintes critérios: 1) abranger o uso de grupos no cuidado em saúde mental, 2) realizado com a população adolescente, 3) publicado no idioma português e 4) contextualizado em território nacional. 5) publicado entre os anos de 2018 e 2023.

O levantamento dos estudos a serem incluídos na pesquisa ocorreu em diferentes etapas, entre os meses agosto e setembro no ano de 2023. Foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: saúde mental; adolescente; grupo terapêutico; psicoterapia de grupo; oficina terapêutica e oficina incluindo estratégias de busca diferentes.

O processo de mapeamento dos dados é apresentado no fluxograma (Figura 1) elaborado com base no modelo do Prisma Flow Diagram.

**Figura 1:** Fluxograma de busca. Fonte: MOHER et al. (2009).

Figura 1 Fluxograma de busca



Os sete estudos foram exportados para quadro de classificação elaborado por meio do *Word*, segundo referência (autoria, título, ano de publicação e periódico), tema, objetivos, método e participantes, conforme apresentado no Quadro 1:

**Quadro 1: Apresentação dos estudos incluídos**

Referência	Tema	Objetivos	Método	Participantes
SOUSA, P. S. de M. Adolescência e atos autoagressivos: o grupo da diversidade como dispositivo de cuidado em saúde mental. 2020. 148 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)	Adolescência, atos autoagressivos, saúde mental, grupos e cuidado em saúde mental.	Aprofundar a compreensão do recurso ao ato autoagressivo na adolescência contemporânea, bem como dos dispositivos	Foi utilizada uma metodologia-intervenção, que ocorreu com a realização de um grupo como dispositivo terapêutico.	Adolescentes participantes do Grupo da Diversidade que frequentam o Adolescentro (n= 15 a 25 por encontro)

e Cultura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.		clínicos em saúde mental nesse contexto.		
NICOLAZZI, F. C. A. <i>A oficina de corpo e movimento e os adolescentes do CAPSi</i> . 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.	Adolescência, oficina terapêutica, saúde mental e corporeidade.	Compreender o significado da oficina terapêutica de corpo e movimento realizada no CAPSi para os adolescentes participantes.	O estudo foi realizado a partir de uma pesquisa de campo de metodologia qualitativa, descritiva junto ao CAPSi do município de Florianópolis.	Adolescentes do CAPSi participantes da oficina de corpo e movimento (n=5)
BUENO, K. M. P. et al. Práticas de terapia ocupacional na rede de saúde mental da criança e do adolescente. <i>Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional</i> , v. 29, p. e2877, 2021.	Adolescência, práticas de terapia ocupacional, saúde mental, oficinas e dispositivo grupal.	Caracterizar as práticas dos terapeutas ocupacionais na atenção à saúde mental infantojuvenil e identificar as ações e abordagens realizadas.	Estudo qualitativo, exploratório-descritivo, que se deu por meio de entrevistas semiestruturadas e análise do conteúdo temática.	Terapeutas ocupacionais da rede de atenção à saúde mental infantojuvenil do município de Belo Horizonte, MG (n=18)
MELLO, R. M. DE. et al. O significado das ações de enfermagem na internação de adolescentes usuárias de substâncias psicoativas. <i>Revista Gaúcha de Enfermagem</i> , v. 42, p. e20200011, 2021.	Adolescentes, uso de substâncias psicoativas, ações da enfermagem, grupos e oficinas.	Compreender as ações desenvolvidas pela equipe de enfermagem em uma unidade de internação psiquiátrica de adolescentes que fazem uso de substâncias psicoativas.	Estudo qualitativo pautado na abordagem Fenomenológica de Alfred Schutz.	Enfermeiros (n=4) Auxiliares e técnicos de enfermagem (n=17)
MENEZES, E. S. DE. et al. Grupo de adolescentes em serviços de saúde mental: uma	Adolescentes usuários de serviços de	Conhecer a dinâmica de funcionamento de	Pesquisa de abordagem qualitativa com	Enfermeiros coordenadores de grupos dos

ferramenta de reabilitação psicossocial. Vínculo, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 118-140, dez. 2020.	saúde mental, dispositivo grupal e reabilitação psicossocial.	grupos de adolescentes coordenados por enfermeiras/os em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).	uso de entrevista discursiva e observação sistemática dos grupos desenvolvidos pelos participantes.	CAPS de uma cidade do Rio Grande do Sul (n=2)
GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S. A PESQUISA EM PSICANÁLISE E O “CATADOR DE RESTOS”: ENLACES METODOLÓGICOS. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 21, n. 3, p. 406–415, set. 2018.	Pesquisa em psicanálise, grupos, oficinas e adolescentes.	Consolidar teórica e metodologicament e a construção de um dispositivo de escuta que propõe o enlace entre Psicanálise, Educação e Cinema.	Articulação do referencial psicanalítico em composição com as contribuições acerca do tema da experiência e do catador de restos de Walter Benjamin e da alegoria ao <i>flâneur</i> de Charles Baudelaire	Estudantes de escola pública (n=8)
LEME, Vanessa Barbosa Romera et al. Habilidades Sociais e Prevenção do Suicídio: Relato de Experiência em Contextos Educativos. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 284-297, jan. 2019	Promoção de saúde mental, prevenção de suicídio, adolescentes e dispositivo grupal.	Apresentar um relato de experiência de um projeto que realizou oficinas e palestras sobre habilidades sociais e de vida em diferentes contextos educativos.	Relato de experiência de oficinas e palestras realizadas pelo projeto.	Alunos da rede pública (n=81)

Os resultados da pesquisa foram tratados com base na Análise Temática de Conteúdo (BARDIN, 2011). Após, foi realizada a codificação dos dados e elaboração dos núcleos de sentido explicativos, que deram origem às categorias, conforme apresentado nos resultados.



## 4. RESULTADOS

Com a devida análise do conteúdo dos estudos selecionados, foi possível separar três núcleos de sentido que permitiram a elaboração das categorias em destaque: 1. Os objetivos dos dispositivos grupais no cuidado em saúde mental de adolescentes; 2. A fundamentação teórico-metodológica dos grupos no cuidado em saúde mental de adolescentes; 3. As contribuições dos grupos para o cuidado em saúde mental.

### Quadro 2: Apresentação da Categorização dos estudos selecionados

Estudo	Objetivo dos grupos	Fundamentação teórico-metodológica	Contribuições dos grupos para o cuidado em saúde mental
SOUSA, P. S. de M. <i>Adolescência e atos autoagressivos</i> . 2020	Oportunizar a discussão de questões relacionadas às identificações sexuais e escolhas objetivas dentro da especificidade do campo da saúde mental. Objetivos e métodos em movimento, respeitando a dinâmica criada e desenvolvida no grupo. Promover o protagonismo sócio-político dos integrantes.	O grupo é realizado com a média de 15 a 25 adolescentes por encontro, com frequência quinzenal, duração de 2 horas e é conduzido por 3 profissionais de áreas diferentes (médico da família; psicóloga; assistente social). Grupo aberto (entrada e saída). Embasamento da proposta terapêutica do grupo: paradigmas da reforma psiquiátrica e da saúde mental pública; trabalho em equipe multidisciplinar e a clínica orientada pela ética do desejo que tem no sujeito o seu norteamento.	O grupo se constituiu como um importante espaço de elaboração dos conflitos pubertários, como as identificações e sexualidade. Permitiu o compartilhamento de experiências dolorosas, dos conflitos familiares e dos sentimentos de discriminação e de exclusão social. Os adolescentes se inseriram em atividades sociais, culturais, artísticas e políticas, participando de espaços e discussões e de movimentos sociais diversos. Estabelecimento de laços afetivos e protagonismo.
NICOLAZZI, F. C. <i>A oficina de corpo e movimento e os adolescentes do CAPSi</i> . 2020.	Possibilitar um espaço de fala, convivência, acolhimento e expressão por meio da realização de atividades em grupo.	São realizadas atividades de expressão corporal, exercícios de respiração, alongamento, dança de contato improvisação, jogos de improvisação e dança livre. Cada oficina é dividida em três momentos: o aquecimento, o desenvolvimento da atividade e o compartilhamento do que foi vivenciado-	A oficina foi compreendida pelos adolescentes como um espaço de acolhimento e cuidado, possibilitando a expressão dos sentimentos e pensamentos de cada um, um lugar que possibilita o autoconhecimento e o conhecimento do outro e uma facilitadora da interação do adolescente no contexto social em

			que vive. O trabalho corporal, através da dança, media os processos de existência no contexto em que vive ao mesmo tempo que instrumentaliza o participante para lidar com as suas questões pessoais e interpessoais
BUENO, K. M. P. et al. Práticas de terapia ocupacional na rede de saúde mental da criança e do adolescente. 2021	A oficina é utilizada com o objetivo de potencializar o cuidado. Os atendimentos grupais foram descritos enquanto favorecedores das experiências de interação e de socialização, promovendo as trocas, vivências e experimentações. Dispositivo que permite a interdisciplinaridade dentro dos serviços. O material não difere os objetivos dos resultados e não se aprofunda na metodologia grupal.	Não descrevem a metodologia que dão base para a realização do grupo.	Não define os resultados dos atendimentos grupais.
MELLO, R. M. DE. et al. O significado das ações de enfermagem. 2021	O grupo é utilizado aqui como forma de preencher os momentos de ócio das adolescentes.	Não descreve metodologia.	Não define os resultados dos atendimentos grupais.
MENEZES, E. S. DE. et al. Grupo de adolescentes em serviços de saúde mental. 2020	Utilizado para favorecer a reabilitação psicossocial e a educação em saúde e promover o autoconhecimento. Espaço de interações que facilitam os processos de aprendizagem. Favorecer o enfrentamento de problemas e melhorar o convívio.	Embasados principalmente na Educação em saúde. Mas o próprio autor defende que os grupos não deveriam se restringir a isso e poderiam ser utilizados para estimular a reflexão. Combinações e contratos terapêuticos.	Os grupos se configuraram como importantes espaços de interação, o compartilhamento das experiências possibilitou diferentes aprendizados, como formas de lidar com o sofrimento psíquico e enfrentar situações de conflito.
GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S. A PESQUISA EM PSICANÁLISE E O "CATADOR DE RESTOS". 2018	O dispositivo grupal foi planejado para ser um espaço de escuta/intervenção com sujeitos que carecem de momentos para falar de si.	Oficinas com duração média de 1h30 com encontros semanais e condução de 2 oficinairos. Constituídas em dois momentos: a sessão de cinema e o espaço de conversação sobre o filme e aspectos das vidas dos	Desta forma, o dispositivo possibilita para os participantes um espaço de fala, que contribui com o enfrentamento das dificuldades da travessia desse ciclo da vida.

		adolescentes participantes.	
LEME, Vanessa Barbosa Romera et al. Habilidades Sociais e Prevenção do Suicídio. 2019	Promover relações interpessoais positivas para contribuir com a promoção de saúde mental e prevenir os indicadores de risco ligados à maior incidência de suicídio no curso de vida	Palestras com duração de duas horas e com o objetivo de abordar algumas habilidades sociais e da vida (empatia e assertividade), aspectos relacionados à promoção de relações interpessoais positivas e a prevenção de suicídio no contexto escolar.	Utiliza uma metodologia para coletar os resultados, pautada na adaptação da dinâmica “que bom, que pena e que tal”, foram evidenciados 80 relatos no total, sendo 44 categorizados como positivos. Dessa forma, 55% dos adolescentes (como o estudo deixa registrado) que participaram da pesquisa e fizeram o relato compreenderam as ações da estratégia como um fator contribuinte à sua saúde mental.

#### **4.1 Os objetivos dos dispositivos grupais no cuidado em saúde mental de adolescentes**

Destacam-se entre os objetivos que motivam a utilização das práticas grupais a interação social, a convivência e a percepção desse espaço enquanto local de acolhimento, fala e escuta, como as seguintes autoras (Souza, 2020; Nicolazzi, 2020; Bueno et al., 2021; Menezes et al., 2020; Gurski & Strzykalski, 2018; Leme et al. 2019) abordam em suas concepções e delineiam um ponto de partida em comum que podem ser entendidos como a finalidade basal do emprego das abordagens grupais no cuidado em saúde mental.

Ainda nessa perspectiva, a promoção em saúde mental e a prevenção de patologias e sofrimento psíquico encontra nos grupos uma importante ferramenta para favorecer a reabilitação psicossocial nos serviços públicos de saúde como sugere a abordagem de Menezes et al. (2020) que relaciona os dispositivos grupais com a metodologia da educação em saúde com os objetivos de facilitar a troca de saberes entre os participantes do grupo e, com isso, qualificar o autocuidado por meio da instrumentalização dos adolescentes com as ferramentas adequadas para a gestão do cuidado. O entendimento de Leme et al. (2019) complementa a conduta anterior

ao empregar o grupo como promotor de relações interpessoais positivas para contribuir com o bem-estar de adolescentes e prevenir os indicadores de risco ligados à maior incidência de suicídio no curso da vida.

Menezes et al. (2020) também descreve um importante aspecto dentro das finalidades dos dispositivos grupais que é o de favorecer o enfrentamento de problemas, uma vez que dentro desse espaço o adolescente tem a oportunidade de identificar as suas dificuldades, os motivos de suas atitudes e perceber os conflitos em que está envolvido com base no contato com o outro, que também está atravessando por questões parecidas e comuns desse período da vida.

Paralelo às colocações anteriores, algumas autoras não se aprofundam na descrição dos objetivos dos dispositivos grupais, abordando de forma generalista a utilização dessa estratégia de intervenção, apesar de reconhecerem a sua relevância para o cuidado em saúde mental. Ou ainda percebendo que este é utilizado por alguns técnicos dos serviços de saúde com a finalidade de ocupar os períodos de ócio em que as adolescentes não estão engajadas em nenhuma atividade dentro da instituição, como Mello et al. (2021) descreve em seu estudo.

Em contrapartida, Sousa (2020), ao longo do desenvolvimento da sua tese, elabora a criação de uma rede de apoio emocional e a promoção do protagonismo social dos integrantes enquanto objetivos iniciais da abordagem grupal. Tais propostas se alinham aos objetivos em comum, descritos anteriormente, para direcionar as ações a serem desenvolvidas nos grupos para potencializar o cuidado e compor a atenção integral à saúde do adolescente. Nicolazzi (2020) também contribui para a compreensão de outros propósitos dos processos grupais, destacando o fortalecimento da autoestima e do potencial criativo do adolescente ao permitir que ele se expresse durante a realização das atividades e ao possibilitar um novo espaço de existência e acolhimento.

Dessa maneira, são os objetivos que dão base para definir metas a serem alcançadas por meio dos dispositivos grupais com os adolescentes e assim encontrar a metodologia apropriada para chegar aos resultados desejáveis. Entre eles, cabe dar ênfase a criação de um espaço para promover o acolhimento, a fala e a escuta e gerar oportunidades para a convivência e a interação social e assim favorecer o cuidado da saúde mental dos adolescentes participantes.

## **4.2 A fundamentação teórico-metodológica dos grupos no cuidado em saúde mental de adolescentes**

Sousa (2020) descreve em sua pesquisa um arquétipo norteador para as práticas grupais nos serviços de saúde, que correspondem ao trabalho em equipe interdisciplinar, os paradigmas da reforma psiquiátrica e da saúde mental pública e a clínica orientada pela ética do desejo, que centraliza o sujeito para guiar as práticas. Nessa via, caracteriza tanto os objetivos quanto a metodologia como em movimento de acordo com a dinâmica do grupo, mas partindo de um embasamento em comum para estruturar as ações realizadas. Sob o mesmo ponto de vista, Nicolazzi (2020) encontra na reabilitação psicossocial os conceitos para fundamentar as ações realizadas nas oficinas, que serão descritas mais à frente.

Por sua vez, Leme et al. (2019) define o referencial teórico-metodológico das técnicas aplicadas nas oficinas com os adolescentes com fundamentação na Teoria Cognitiva-Comportamental. Outras autoras que encontram sustentação em uma das principais correntes da psicologia são Gurski & Strzykowski (2018) que articulam referências da Psicanálise em composição com as contribuições acerca do tema da experiência e do catador de restos do filósofo alemão Walter Benjamin, bem como da alegoria ao flâneur de Charles Baudelaire.

Em contraste, Menezes et al. (2020) analisam os grupos realizados em sua pesquisa com base na teoria de Pichon-Rivière acerca dos Grupos Operativos, realizando a leitura dos grupos, fazendo conexões com os conceitos teóricos que estruturam as técnicas grupais e se aprofundando em aspectos da teoria para entender os processos grupais que são descritos nessa abordagem. Por outro lado, Mello et al. (2021) e Bueno et al. (2021) não abordam em suas produções a metodologia utilizada nos grupos, nem elementos que especificam a sua aplicação nos respectivos serviços.

Quanto ao aspecto referente à condução dos dispositivos grupais, o grupo estudado por Sousa (2020) é realizado com a média de 15 a 25 adolescentes por encontro, de frequência quinzenal, com duração de duas horas e conduzido por três profissionais de áreas diferentes, sendo eles: o médico da família, a psicóloga e a assistente social. O grupo tem caráter aberto, podendo ocorrer a entrada e a saída de integrantes em todos os encontros.

Já a oficina de corpo e movimento observada por Nicolazzi (2020) ocorre semanalmente e tem duração de uma hora e quinze minutos e é dividida em três momentos: o aquecimento, o desenvolvimento da atividade e o compartilhamento do que foi vivenciado. São realizadas atividades de expressão corporal, exercícios de respiração, alongamento, dança de contato, improvisação, jogos de improvisação e dança livre. Participaram da sua pesquisa apenas cinco adolescentes, com idade de 12 a 16 anos.

O dispositivo projetado por Gurski & Strzykalski (2018) tem duração média de uma hora e meia com encontros semanais, participação de oito adolescentes com idade entre 12 a 16 anos e é conduzido por doisicineiros. As oficinas são constituídas em dois momentos: a sessão de cinema e o espaço de conversação sobre o filme e os aspectos das vidas dos adolescentes participantes.

Lemes et al. (2019) analisa um projeto com palestras com duração de duas horas, com a participação de 81 alunos da rede pública com idades entre 13 a 18 anos e com o objetivo de abordar algumas habilidades sociais e da vida, como a empatia e a assertividade, aspectos relacionados à promoção de relações interpessoais positivas e a prevenção de suicídio no contexto escolar. Entre as ações desenvolvidas estão a apresentação de conteúdos por meio de slides, questionamentos sobre o tema foco do encontro, com o intuito de gerar reflexões e pensamento crítico nos participantes, realização de exercícios em pequenos grupos para avaliar a compreensão dos conceitos apresentados e vivências.

A produção de Menezes et al. (2020) se destaca por observar e discutir sobre dois grupos. O primeiro é um grupo semanal, com duração de uma hora, homogêneo quanto ao gênero e idade, pois as integrantes são meninas com idade entre 14 a 17 anos. É um grupo aberto, pois agrega novos integrantes, em que são discutidos assuntos do dia-a-dia sobre a semana. Tem um total de 12 usuárias, no entanto no dia em que o grupo foi observado apenas 4 pessoas compareceram. O segundo é um grupo semanal com duração de 1 hora. É um grupo heterogêneo quanto ao gênero, pois há meninos e meninas, quanto a idade é homogêneo, pois a faixa etária varia de 12 a 17 anos. Nele são discutidos assuntos da vida diária sobre os acontecimentos da semana. É composto por 10 integrantes, mas compareceram 6 pessoas no período de observação.

Por meio do conteúdo analisado é possível perceber que alguns elementos são essenciais para entender as características dos dispositivos grupais enquanto estratégia de cuidado em saúde mental, como a frequência e a duração dos grupos, a idade dos integrantes, o caráter do grupo, as ações e atividades desenvolvidas durante os encontros e, principalmente, o referencial teórico-metodológico que fundamenta a sua prática nos serviços de saúde.

É possível verificar que o referencial teórico-metodológico é diverso, variando de acordo com os objetivos a serem alcançados e voltados principalmente para a promoção de saúde mental e prevenção de sofrimento psíquico entre os adolescentes. As coordenações dos grupos são realizadas por profissionais de diferentes especialidades. Os grupos são compostos por número variável de adolescentes, assim como a idade também é variável entre os grupos relatados. Percebe-se que os estudos descrevem de forma incipiente a articulação entre o referencial teórico-metodológico e a prática realizada.

#### **4.3 As contribuições dos grupos para o cuidado em saúde mental.**

Avançando no panorama da abordagem grupal, cabe destacar que as pesquisas obtiveram diferentes resultados alinhados com os objetivos e referencial metodológico utilizados nos estudos. Com os objetivos e metodologia voltadas para o Grupo da Diversidade, Souza (2020) percebeu que o grupo se constituiu como um importante espaço de elaboração dos conflitos pubertários, como as identificações e sexualidade, permitindo assim o compartilhamento de experiências dolorosas, dos conflitos familiares e dos sentimentos de discriminação e de exclusão social nesse espaço. A participação no grupo fomentou a inserção dos adolescentes em atividades sociais, culturais, artísticas e políticas, estimulou o engajamento em espaços e discussões de movimentos sociais diversos. A autora evidencia ainda o estabelecimento de laços afetivos e do protagonismo dos adolescentes.

O bem-estar dos participantes também é colocado em destaque por Nicolazzi (2020), uma vez que os adolescentes compreendem a oficina de corpo e movimento como um espaço de acolhimento e cuidado, possibilitando a expressão dos sentimentos e pensamentos de cada um. Além disso destaca o grupo como lugar que possibilita o autoconhecimento e o conhecimento do outro e facilitador da interação

do adolescente no contexto social em que vive. A autora também enfatiza que o trabalho corporal, através da dança, media os processos de existência no contexto de vida do adolescente, ao mesmo tempo que instrumentaliza o participante para lidar com as suas questões pessoais e interpessoais. Articulando-se com a questão do enfrentamento de situações de conflito e da elaboração do sofrimento psíquico discutida também por Souza (2020), Menezes et al. (2020) e Gurski & Strzykalski (2018).

Sob uma ótica semelhante, Menezes et al. (2020) - que observaram, analisaram e discutiram dois grupos em seu estudo -, perceberam que os dispositivos grupais se configuraram como importantes espaços de interação, onde foi possível o compartilhamento das experiências que possibilitaram diferentes aprendizados como estratégias para lidar com o sofrimento psíquico e enfrentar as situações de conflito.

Com uma forma de mensurar as intervenções utilizadas, Leme et al. (2019) se utilizaram de um instrumento para a coleta dos resultados, pautado na adaptação da dinâmica “que bom, que pena e que tal”. Foram evidenciados 80 relatos no total, sendo 44 categorizados como positivos. Dessa forma, 55% dos adolescentes que participaram da pesquisa e fizeram o relato compreenderam as ações da estratégia como um fator contribuinte às suas respectivas saúdes mentais.

Em contrapartida, Bueno et al. (2021) e Mello et al. (2021) não descreveram os resultados obtidos com a realização do grupo enquanto instrumento de trabalho nos serviços de saúde da rede pública. Apesar disso, reconhecem a importância dos grupos para o cuidado em saúde mental com os usuários das instituições em que realizaram a sua pesquisa.

Observa-se que os objetivos que nortearam os grupos estão alinhados com os resultados obtidos em cada pesquisa. O uso de diferentes técnicas e recursos aumentou a quantidade de resultados obtidos e diversificou a reação e resposta dos adolescentes frente à abordagem grupal. A constituição do grupo enquanto um espaço de fala, acolhimento e cuidado para promover o enfrentamento e elaboração de situações de conflitos, sejam eles pubertários ou familiares, e a expressão dos sentimentos predominou entre os resultados dos estudos selecionados para a análise, reforçando que os grupos retêm esses aspectos e os oportunizam durante os encontros realizados para promover o cuidado com os adolescentes.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão de escopo reuniu informações significativas de pesquisas recentes em um panorama dos dispositivos grupais enquanto objetos de estudo e instrumentais de trabalho para promover o cuidado em saúde mental para adolescentes nos serviços de saúde. Apresentou aspectos voltados para os objetivos, referencial metodológico e resultados obtidos nas intervenções analisadas.

A análise realizada nas categorias destaca os objetivos enquanto guias das intervenções grupais, delineando metas a serem alcançadas e estimulando o uso de referencial metodológico para obter os resultados esperados. Associados a isso, sobressaem-se alguns elementos para compreender como se dá o bom funcionamento do grupo e a fundamentação da sua prática nos serviços de saúde, relacionado também com as diferentes especialidades que podem realizar os grupos e o perfil dos adolescentes participantes. Dentre os resultados obtidos, constatou-se o estabelecimento do grupo enquanto um espaço de fala, acolhimento e cuidado para promover o enfrentamento e elaboração de situações de conflitos vividas nessa fase do curso de vida.

Verifica-se em alguns estudos a falta de informações necessárias que permitam entender o processo de cuidado grupal. Destaca-se a necessidade da elucidação do referencial teórico-metodológico e abordagens de grupos como dispositivo de cuidado voltado à população jovem. Acredita-se que são pontos que não podem ser negligenciados pelos autores, visto que são publicações científicas que podem embasar trabalhos de outros profissionais da área.

Durante a fase de busca dos artigos foi possível averiguar um baixo número de pesquisas voltadas para o dispositivo grupal com adolescentes, realçando a necessidade de estudos futuros voltados para essa fase do desenvolvimento humano em vista de suas especificidades.

## REFERÊNCIAS

AYRES, J. R. DE C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 3, p. 16–29, set. 2004.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n° 336, de 19 de fevereiro de 2002. Define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial. **Diário Oficial da União**, 2002. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n° 3088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidade decorrente do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União**, 2011. Acesso em 01 de dezembro de 2022.

BUENO, K. M. P. et al. Práticas de terapia ocupacional na rede de saúde mental da criança e do adolescente. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, p. e2877, 2021.

CARONI, M. M; BASTOS, O. M. Adolescência e autonomia: conceitos, definições e desafios. - **Revista de Pediatria SOPERJ**. 2015;15(1):29-34

CONSTANTINIDIS, T. C; DIAS, L. dos S; FERNANDES, S. K.; TAÑO, B. L. Trabalho em Rede na Atenção e Cuidado à Criança e ao Adolescente em Sofrimento Psíquico. Id on Line **Rev. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 358-375, ISSN: 1981-1179.

COSTA, I. I. Adolescência e primeira crise psicótica: problematizando a continuidade entre o sofrimento normal e o psíquico grave. **Anais da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental**, 2006.

GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S. A PESQUISA EM PSICANÁLISE E O “CATADOR DE RESTOS”: ENLACES METODOLÓGICOS. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 21, n. 3, p. 406–415, set. 2018.

JORGE, M. A. S. (2017). As práticas grupais em saúde. In: **N. Soalheiro. Saúde Mental para a Atenção Básica** (pp.199-209). Rio de Janeiro: Fiocruz.

LEME, V. B. R. et al. Habilidades Sociais e Prevenção do Suicídio: Relato de Experiência em Contextos Educativos. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 284-297, jan. 2019

LEON, O. D. Adolescência e Juventude: das noções as abordagens. In: Freitas, Maria Virgínia (Org.). *Juventude e Adolescência no Brasil: referenciais conceituais*. São Paulo, **Ação Educativa**, 2005, págs. 9-18.

LOPES, C. S.; ABREU, G. A.; SANTOS, D. F.; MENEZES, P. R.; CARVALHO, K. M. B.; CUNHA, C. F.; VASCONCELOS, M; T. L.; BLOCH, K. V.; SZKLO, M. ERICA: prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, [online], v. 50, suplemento 1, p. 1-9, 2016.

LOUZÃ NETO, M. R. Manejo clínico do primeiro episódio psicótico. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 45–46, maio 2000.

LUZ, R. T., COELHO, E. D. A. C., TEIXEIRA, M. A., BARROS, A. R., CARVALHO, M. D. F. A. A., & ALMEIDA, M. S. (2018). Saúde mental como dimensão para o cuidado de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 71, 2087-2093

MELLO, R. M. DE. et al. O significado das ações de enfermagem na internação de adolescentes usuárias de substâncias psicoativas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, p. e20200011, 2021.

MENEZES, E. S. DE. et al. Grupo de adolescentes em serviços de saúde mental: uma ferramenta de reabilitação psicossocial. **Vínculo**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 118-140, dez. 2020.

MORAES, B. R. de, & WEINMANN, A. de O. (2020). Notas sobre a história da adolescência: transformações e repetições. **Estilos Da Clinica**, 25(2), 280-296.

MOREIRA, A.; SALLES, L.M.F. O ECA e a concretização do direito a educação básica. **Educação em Foco**, 22(3), 174-199, 2015.

MORETTO, C. C. O grupo como estratégia de intervenção em saúde mental da infância e adolescência. *Mental*, Julho-Dezembro, 2013, vol. X, núm. 19 p. 221-233, **Universidade Presidente Antônio Carlos Barbacena**, Brasil.

NICOLAZZI, F. C. (2020). A oficina de corpo e movimento e os adolescentes do CAPSi.

OLIVEIRA, A. de D; VALENTE, F. M. de F; JUNIOR, L. N. C. Adolescência em foco: contribuições de Erikson, Vygotsky e Wallon. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Psicologia: Fund. teóricos, históricos e epistemológicos do pensamento psicológico**. Registro, vol. 1, n.1. p. 31-45, fev. 2018.

PICHON-RIVIÈRE, E. O processo grupal. 8. ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 2009.

RADZIK, M.; SHERER, S.; NEINSTEIN, L. S. Psychosocial development in normal adolescents. In: **Neinstein LS, editor**. *Adolescent health care: a practical guide*. 5 ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2008. p. 27-31.

ROSSI, L. M., MARCOLINO, T. Q., SPERANZA, M., & CID, M. F. B. (2019). Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cadernos de Saúde Pública**, 35, e00125018.

SANTOS, D. C. M. DOS. et al. Adolescentes em sofrimento psíquico e a política de saúde mental infanto-juvenil. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 6, p. 845–850, 2011.

SCARCELLI, Ianni Régia. Psicologia social e políticas públicas: pontes e interfaces no campo da saúde. São Paulo: **Editora Zagodoni**. 2017.

SOUSA, P. S. DE. M. Adolescência e atos autoagressivos: o grupo da diversidade como dispositivo de cuidado em saúde mental. 2020. 148 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) —**Universidade de Brasília**, Brasília, 2020.